

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

NOTAS SOBRE A OFIOLOGIA NEOTRÓPICA E BRASÍLICA (*)

POR

AFRÂNIO DO AMARAL

I

Em toda a Sistemática a mais difícil, espinhosa e desagradável das tarefas é a do estudo, seguido de seleção e eliminação, de formas descritas pelos autores, sempre que se tem em vista o preparo de trabalhos de revisão. Esses trabalhos visam geralmente facilitar a tarefa aos estudiosos do presente e desbravar o terreno para os pesquisadores do futuro. Exigem, por isto mesmo, boa dose de senso crítico e prejudgam também exato conhecimento do assunto versado. Esse conhecimento, que só se adquire através de longa experiência e aprofundada observação, conducente à familiaridade com as formas extantes, facilita o julgamento do justo valor das publicações que, em número crescente e à maneira de jôrro avassalador, vão inundando o campo, outrora árido, da Zoologia.

No domínio particular da Herpetologia ou, para ser mais circunscrito, no da Ofiologia, a maior dificuldade desses estudos provém, quase sempre, de certos atentados à ética, cometidos por grande número de autores modernos, embora, nalguns casos, possa resultar da tendência à subdivisão das formas, a qual parece ser o apanágio sobretudo de certos especialistas da nova geração.

Os atentados à ética, de um lado, podem advir de 2 fatores:

(*) Entregue para publicação em 11-4-1944.

- a) desejo incontrolado de lucro material, diante da premência da vida hodierna;
- b) ignorância, que muita vez não passa de simples ingenuidade, do justo valor, p. ex., da descrição de uma forma nova.

A ganância explica (mas não justifica de modo algum) o volume crescente de publicações zoológicas feitas sob a inspiração de organizações comerciais ou companhias editoras que, sobretudo em algumas nações do velho mundo, têm conseguido, pelo atrativo de míseras porcentagens, desviar de sua tarefa certo número de especialistas, desvirtuando-lhes, sem dúvida, a missão. E a ingenuidade, mormente em nações de baixo índice cultural, de alguns noviços que continuam a acreditar no miraculoso poder de qualquer "*espécie nova*", "criada" às pressas, fazer "sábios" da noite para o dia, é também responsável pela imensidade de nomes zoológicos, cujo conceito se torna por vezes ininteligível.

A mania à sub-divisão de formas, de outro lado, provém do desconhecimento, que bem pode ser proposital, das justas fronteiras recíprocas dos grupos, senão também do esquecimento da indiscutível existência de variações individuais ligadas a mutações e que representam talvez a mais despistadora das ocorrências. (**)

Na pesada tarefa que, há seguramente vinte anos, me venho impondo através de todos os entraves do nosso meio atrasado, senão adverso a preocupações desta natureza, de preparar o Catá-

(**) No longo intervalo verificado entre a redação e a impressão deste artigo, surgiram na literatura diversos trabalhos interessantes de síntese, que abordam este assunto sob vários pontos de vista.

Dentre estes os mais recentes são o de ERNEST MAYR (Systematics and the origin of species from the standpoint of a zoologist - Columbia University Press, New York City, 1942, 334 pgs., 29 figs.) e o de JULIAN HUXLEY (Evolution, the modern synthesis - Harper and Brothers, New York City, 1942, 645 pgs.). MAYR, embora proclamando que se deve aos zoólogos norteamericanos a iniciativa da diferenciação das espécies animais em subespécies segundo o critério geográfico, reconhece que a preocupação de criar raças geográficas provoca automaticamente uma excessiva valorização da influência que o fenômeno da insulação pode exercer no processo da distinção evolutiva daquelas primeiras formas. HUXLEY, de sua parte, examinando a questão mais à luz da filosofia biológica, mostra que, se, de um lado, os modernos estudos da genética, objetivando as micromutações, o conceito da pressão da mutação e a análise do valor da seleção natural, parecem conduzir o pensamento dos biólogos novamente ao âmbito da doutrina da evolução, esses mesmos estudos, de outro lado, vêm indicando que o plasma germinativo pode ser afetado pelo ambiente, embora de modo indireto e ainda inexplicável.

logo Iconográfico das Serpentes do Brasil, se me depararam no caminho todas aquelas dificuldades, cuja remoção, preliminar à execução da obra, se tornou imperiosa. Assim é que, em mais de uma centena de trabalhos publicados, se fui levado algumas vezes a descrever formas novas, cuja validade me pareceu indiscutível e que foi geralmente comprovada por outros especialistas, na maioria dos casos cedi apenas ao impulso de colocar na justa medida a sistemática dos nossos répteis. Para êsse fim é óbvio que teria tido necessidade de apontar para as falhas, em que, no exame bibliográfico da matéria, era flagrante, seja atentado à ética, seja certa tendência, injustificável, à subdivisão de formas.

Infelizmente, essa tarefa está longe de terminar. De vez em quando, entre os trabalhos publicados lá surge um, em que qualquer daqueles defeitos ainda ressumbra. Dêstes e dalguns do passado mais próximo é que se vão ocupar as presentes Notas.

OBSERVAÇÃO — Quatro Notas desta série, logo depois de escritas entre 1939 e 1940, foram apresentadas à diretoria do Clube Zoológico do Brasil para a publicação no Boletim Biológico. Essa publicação, contudo, não foi possível, até agora, à vista da crise que atravessa o Clube. Porisso, estas Notas, acrescidas de outras mais recentes, foram entregues ao Departamento de Zoologia, que agora lhes publica o texto nos respectivos Papéis Avulsos.

FORMAS NEOTRÓPICAS DE INVALIDEZ JÁ DEMONSTRADA

Há 10 anos passados, antes de publicar os primeiros resultados dos meus *estudos sistemáticos de revisão de ofídios neotrópicos e brasílicos* (1 a 6), tive ensejo de mostrar que, dentre os muitos autores, europeus na maioria, WERNER (professor da Universidade de Viena) se destacava como aquele que maior número de formas invalidáveis (7) havia descrito. Efetivamente, só entre os ofídios neotrópicos foi de 62 o número de tais formas, constantes das publicações daquele conhecido herpetólogo. E' bem verdade que, no meio dessa extensa lista, não se encontra um caso que se possa considerar de verdadeira cincada, embora alguns cochilos, sem dúvida graves, WERNER os tenha cometido. Entre êstes cumpre mencionar 2 espécies opistóglifas descritas como novas e atribuídas a gênero áglifo, a saber: *Liophis bolivianus* (8), que

é sinónima de *Phildryas bolivianus* (Boulenger) e *Liophis trifasciatus* (9), que é sinónima de *Philodryas psammophideus* (Guenther), além de uma espécie áglifa descrita como nova e atribuída a gênero opistóglifo: *Erythrolamprus longicaudus* (10), que é sinónima de *Liophis decoratus* (Guenther).

Mais cauteloso do que WERNER, STEINDACHNER (herpetólogo-chefe do Museu de Viena) descreveu poucas formas, embora em número bastante para incluírem um engano grave: *Epicrates wieningeri* (11) como espécie nova, sinónima, porém, de outra bem antiga, ligada a gênero diverso, *Eunectes notaeus* Cope.

Já J. AHL (herpetólogo do Museu de Berlim) teve menos sorte ao se ocupar dos ofídios neotrópicos: descreveu de saída, como um perigoso Elapídeo e, portanto, ofídio proteróglifo, a espécie *Elaps hertae* (12), que eu verifiquei não passar da inofensiva e conhecida serpente áglifa *Atractus latifrons* (Guenther).

Cumpra dizer que a enorme despesa que tais estudos acarretam a quem, entre nós, a êles se atreve — em vista de não serem estipendiados pelos cofres públicos — através da busca dos exemplares típicos, tanta vez mal conservados e não catalogados nos museus de origem, só traz deveras uma compensação e esta de ordem espiritual. E' a certeza, ou apenas a esperança, de que o terreno fique livre para outros revisores que, palmilhando-o no futuro, possam avançar um pouco mais o marco do esforço humano e contribuir, dêsse modo, para o progresso da Ciência.

No domínio da Herpetologia, BOULENGER, o saudoso belga e especialista do Museu Britânico, foi sem dúvida, dentre os autores da geração passada, aquele que trouxe a contribuição mais valiosa nesse sentido.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - AMARAL A. DO — *Helminthopsis* (revisão) - Proc. N. England Zool. Cl. 9: 25-30, 1924.
- 2 - AMARAL, A. DO — *Micrurus mipartitus* and allied forms - loc. cit. 9: 61-66, 1926.
- 3 - AMARAL, A. DO — Revisão do gênero *Spilotes* Wagler, 1830 - Mem. Inst. Butantan 4: 273-298. 1929 (1930).

- 4 - AMARAL, A. DO — Revisão do gênero *Phrynonax* Cope, 1862 - loc. cit. 4: 299-230, 1929 (1930).
- 5 - AMARAL, A. DO — Revisão do gênero *Drymarchon* Fitzinger, 1843 - loc. cit. 4: 321-330, 1929 (1930).
- 6 - AMARAL, A. DO — Sobre a espécie *Coluber dichrous* (P.) Blgr., 1894 - loc. cit. 4: 331-337, 1929 (1930).
- 7 - AMARAL, A. DO — Valor sistemático de várias formas de ofídios neotrópicos - loc. cit. 4: 3-68, 1929 (1930).
- 8 - WERNER, F. — in *Mitteil. Naturhist. Mus. Hamburg* 26: 222, 1909.
- 9 - WERNER, F. — in *Zool. Anzeiger* 22: 114, 1899.
- 10 - WERNER, F. — in *Abhandl. Bayer. Akad. Wissenschaft* 22 (2): 348, 1903.
- 11 - STEINDACHNER, F. — in *S'B. Akad. Wissensch. Wien* 112 (1): 1, 1903.
- 12 - AHL, E. — in *Zool. Anzeiger* 70: 252, 1927.

